



A psicose é um quadro clínico caracterizado pela perda da realidade, cursando com ideias delirantes (crença irreal) e alucinações (alterações da senso-percepção), alteração da afetividade, comportamento, interação social e desorganização do pensamento. Há uma quebra da adaptação à vida cotidiana. Ocorre um desequilíbrio de neurotransmissores, da funcionalidade cerebral.

O psiquiatra materialista avalia e trata os desarranjos mentais, não avalia de forma a diferenciar um distúrbio psiquiátrico de uma obsessão.

Não é simples esse diagnóstico diferencial. O médico com uma visão mais ampla consegue encaminhar para um tratamento mais assertivo.

É importante, abordarmos o assunto referente a obsessão para maior compreensão dos diferenciais de clínica e tratamento.

No caso da obsessão, são os Espíritos inferiores que tentam dominar, levando a constrangimentos. Segundo O Livro dos Médiuns, a obsessão pode ser de três formas: Obsessão simples, fascinação e subjugação.

Em um artigo “Reformador”, Hermínio C. Miranda, descreve: “... obsessão simples é a menos perniciosa, porque o médium (pois todo obsidiado tem forte componente mediúnico) está consciente das manobras e dissimulações do Espírito, o que certamente o incomoda, mas não o perturba a ponto de provocar desarranjos mentais.” Considera “a fascinação mais grave, porque o agente espiritual atua diretamente sobre o pensamento de suas vítimas, inibindo-lhe o raciocínio e levando à perigosa convicção de que as ideias que expressa, por mais fantásticas que sejam, provêm de um Espírito de elevado gabarito intelectual e moral. Seu engano é evidente a todos, menos a ele próprio, que segue fascinado e servil, ao Espírito que se apoderou sutilmente de sua mente.” O artigo



“Para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios.”

descreve: “Na subjugação, Kardec distingue dois aspectos: a moral e a corporal. No primeiro caso, o ser encarnado é constrangido a tomar atitudes absurdas, como se estivesse totalmente privado do seu próprio senso crítico. No segundo caso, o obsessivo atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários, obrigando a sua vítima a gestos de dramático e lamentável ridículo.”

Segundo Kardec, em O Livro dos Espíritos “dava-se antigamente o nome de possessão ao domínio exercido pelos maus Espíritos, quando a sua influência chegava a produzir aberração das faculdades humanas. A possessão corresponderia à subjugação. Se não adotamos este termo, é por dois motivos: primeiro por implicar a crença na existência de seres criados para o mal, quando só existem seres mais ou menos imperfeitos e todos eles suscetíveis de se melhorarem; segundo, por implicar também a ideia de tomada do corpo por um Espírito estranho, numa espécie de coabitação, quando só existe constrangimento.”

A obsessão tipo subjugação tem grande semelhança com uma psicose. Embora tenha alguns diferenciais, como uma ideia delirante não tão estruturada, sem motivo aparente de surgimento dos surtos. Cabe uma avaliação bastante aprofundada.

Ainda no artigo, Reformador, “Ensina Kardec que na obsessão grave, o obsidiado fica envolto e impregnado de fluidos perniciosos” que se dispersam pela aplicação de um “fluido melhor”, pelos passes que são processos magnéticos. Kardec adverte “que nem sempre basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo atuar sobre o ser inteligente ao qual é preciso que se possua o direito de falar com autoridade.” Sendo maior o sucesso quanto maior a autoridade moral de quem realiza esse processo.

Acrescenta: “Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.”

No livro Diálogo com as Sombras, Hermínio C. Miranda complementa que este é um processo de desobsessão bem descrito. Considera a obsessão um caso de vingança, o Espírito busca o alívio de seu sofrimento, fazendo sofrer aquele que o feriu. A vítima de obsessão sempre está endividada perante

a lei universal da fraternidade, trazendo grande sofrimento a sua vida e bloqueando seus caminhos.

Diante de toda essa abordagem espiritual, e emergência da situação, o psiquiatra pode iniciar um tratamento psiquiátrico com antipsicótico, muitas vezes também ajuda na estabilização do quadro, devido diminuir a captação sensorial da glândula pineal. Mas, para uma melhora efetiva, a assistência espiritual regular do tipo desobsessão, é prioritária.

E, muitas vezes, o quadro fica mais brando, melhora, mas a obsessão pode deixar alguma sequelas, como se gerasse alguma disfunção cerebral. Existem também casos que o obsidiado se estabilizou por completo, com toda esta abordagem, mas isso ocorreu mais frequentemente em casos que não cronicaram, não se estenderam por muito tempo, e que tiveram uma ação efetiva e rápida.

Hermínio C. Miranda, em Diálogo com as Sombras, descreve: “A loucura, em que se debatem, não procede de simples modificação do cérebro: dimana da desassociação dos centros perispiríticos, o que exige longos períodos de reparação.” O perespírito funciona como molde do corpo físico. A obsessão não apresenta lesão cerebral, mas pode gerar uma disfunção cerebral ao longo de muito tempo de desequilíbrio. Cria, portanto, marcas no perespírito que necessitam de muito empenho, ao longo de anos para estabelecer o equilíbrio.

No caso da psicose, o tratamento psiquiátrico é fundamental e faz com que o paciente tenha estabilização e reconstrução de sua vida. Nestes casos não falamos em cura e, sim, em boa adaptação e estabilização. Em todos os casos psiquiátricos, devido ao indivíduo manter frequentemente uma baixa vibração, pode atrair influência espiritual da mesma sintonia. Porém, pode fazer parte formas mais brandas de obsessão. Assim, também pode ser de boa ajuda a assistência espiritual, como abordagem coadjuvante, propiciando equilíbrio maior e estabilização mais efetiva.

Em ambos os casos, é necessário basear o tratamento em três pilares: pilar físico, podendo ser avaliado e tratado pelo médico; pilar emocional, através da realização de psicoterapia e pilar espiritual, através das assistências espirituais. Desta maneira, a junção das três abordagens fecha o ciclo, não deixando brecha para que a melhora clínica não ocorra.

Por: **Dra Vanessa Calhariani Loschiavo** – Médica Psiquiatra e Homeopata